

João Fitas

“Manto Branco”

4/09/2025-27/09/2025

**MANTO  
BRANCO**

**João Fitas**

curadoria  
Carla Carbonne

# João Fitas – 1977, Portugal

Licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa em 2001. Exposições individuais: “Bloco Oco”, Produção Independente, Lisboa, 2019; “O escafandro na estufa”, grupo Pro-Évora, Évora, 2018; “Malabar”, Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor, Ponte de Sor. Centro de Artes e Cultura, Ponte de Sor. 2017; “Atleta”, Fábrica do Braço de Prata, Lisboa, 2014; “Pintura II”, Centro Cultural de Cascais, Cascais, 2013; “Pintura I”, Sopro - Projeto de Arte Contemporânea, Lisboa, 2011; “Grave”, Galeria Évora Arte, Évora, 2007; “Avatar”, Sopro - Projeto de Arte Contemporânea, Lisboa, 2006; “Interface”, Sopro - Projeto de Arte Contemporânea, Lisboa, 2005; “Lote Noventa”, Parthenon Gallery, Lisboa, 2003. Galeria Parthenon, Lisboa, 2003; “Colagens”, Galeria Évora Arrte, Évora, 2002. Exposições Colectivas: “Periplos / Arte português de hoy”, Cac Málaga, Málaga, 2016; “Pale Searchlights”, Stonebreaker Collective, Lisboa, 2015; “Scattered spaces” - Carlos Carvalho - arte contemporânea, Lisboa, Portugal. Carlos Carvalho - arte contemporânea, Lisboa, 2010; “Tempo”, Centre Civic CanFelipa, Barcelona, 2004; “Andar Modelo”, Parthenon Gallery, Lisboa, 2004; “Heteronomias”, Maus Hábitos, Porto 2003

# “Manto Branco”, Claudia Carbone

Os panejamentos, ou mantos, representados nas telas de João Fitas relembram a verticalidade, ou pompa, dos homens da corte francesa do séc. XVII. Recordamos o período barroco, em algumas obras, como o Retrato do Cardeal de Richelieu, de Philippe de Champaigne, onde, altivo, o personagem surge a envergar vestes de cor rubra, e a segurar, com as próprias mãos, um solidéu em tons de vermelho vivo.

A pintura de Fitas enleia-nos em fantasias, e recobre-nos, quem sabe, de histórias que coroam esses tempos longínquos, imersos no ardor religioso, nos enredos da corte, nos tumultos da guerra, na intensidade do viver, como diria René Huyghe. Quando observamos a obra Manto Branco (2025), do artista, podemos também evocar, e comparar, com a obra La Nappe, de Jean-Baptiste Siméon Chardin, onde uma toalha branca cobre, quase inteiramente, uma densa mesa de madeira; nela tombam, à superfície, e de modo displicente, copos desordenados, alguns frutos já abertos, um longo pão, e uma faca. O peso, e a opacidade, das personagens de João Fitas, ou antes, a representação das suas sombras, presentes na exposição Manto Branco, podem invocar mestres, como Nicolas Poussin, e o seu Auto-retrato, ou ainda a obra Gilles, de Antoine Watteau, onde é possível apreciar uma figura pantomineira envergando uns simples sapatos, de laços volteantes, largos e brilhantes. Porém, João Fitas, ao contrário de Poussin ou Watteau, encobre os rostos, não os revela. Deles intuímos prazeres, medos, amarguras, penas, talvez a culpa em evidência, ou até a penitência? Também perscrutamos ausências, ou vazios inquietantes, por um lado, mas também brincadeiras pueris, por outro. Na tela Um sapato vermelho (2024), do artista, pressente-se um corpo, na vertical, coberto por uma manta, ou tapete, de pele de vaca, em tons pastel, mesclado e raiado de fina luz. Porém, a manta não oculta a totalidade do corpo. Um pé fica a descoberto, vulnerável, desprotegido. Vem à ideia, por isso, um imenso museu de estranhezas, ou um lugar de enigmas, surpresas, e fatalidades, como nomearia Chirico, ou um habitat sombrio onde, nas palavras de Hal Foster, permanecesse inscrito, numa ambivalência fantasmática e contraditória, o sentido de interioridade e exterioridade, de colagem e frottage. A obra Manto Branco pode ser um abrigo, uma pele, ou várias tessituras ao mesmo tempo, que protegem algo delicado, mas também acolhem o vazio, este petrificado, vago, enlutado. Cabe ao observador múltiplas interpretações, mas há segredos, mistérios, por detrás destes abrigos claustrofóbicos, que o artista representa amiúde, e gosta de chamar apneias. Na exposição encontramos ainda naturezas mortas, e coisas simbólicas, que também são artificiais, como esponjas, perucas, óculos escuros, plantas de plástico. Objectos perdidos que o artista vai colectando, e reivindicando, num tempo próprio que é a pintura.











